

O diálogo entre a merda e o marfim

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. O diálogo entre a merda e o marfim. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 148-150. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

O diálogo entre a merda e o marfim

Vivemos uma contradição engraçada: uma louvação constante da criatividade e de gente criativa – como se música, literatura e cinema aguardassem ansiosos seus novos mestres –, e ao mesmo tempo uma ignorância e descaso colossais com boa parte daquilo que as mentes criativas produzem e produziram ao longo dos séculos e milênios.

O assunto é importante porque quase ninguém fala desse ‘excesso’ de arte/cultura ao qual estamos expostos. Simplesmente calamos.

O que a humanidade pretende fazer com esse colossal tesouro simbólico que conseguiu reunir graças aos novos meios tecnológicos, à pesquisa arqueológica, a séculos de preservação de obras originais? Guardá-lo em museus – reais ou imaginários (como o da música)?

Como pretende lidar com o pouco uso que tal tesouro tem despertado, e a aparente entronização de produtos bobageiros e circunstanciais, projetados pela rede midiática mundial em função da necessidade de gerar receitas?

É nesse ponto da crônica que uma impressionante tirada de Gustave Flaubert poderia ser invocada:

Eu sempre quis viver numa torre de marfim, mas uma maré de merda está a bater nas paredes, a fim de derrubá-la.

Merda e marfim se enfrentam numa batalha titânica nessa imagem de Flaubert, perfeitamente adequada para a crítica da atual degradação cultural pela via globalizada. Será que a visão bobageira vai esterilizar o resto?

Mas esse é apenas um dos ângulos do problema, ou seja: reduzir o foco de visibilidade do imenso tesouro de cultura para apenas alguns produtos vendáveis é sim uma imbecilidade humana, mas segue os passos do pragmatismo capitalista, uma cadeia enorme de causas e consequências, ou melhor, de causas e inconsequências planetárias.

Na verdade, o excesso de arte sempre existiu. Sempre produzimos muito mais do que nos foi permitido preservar, lembrar e usar. Basta um exemplo: o primeiro compositor de que se tem notícia foi, na verdade, uma compositora – Enheduanna, lá pelos idos de 2.800 a.C., uma sacerdotisa que compunha hinos para o Deus e Deusa da lua, Nanna e Inanna, respectivamente. Quem é que sabe disso?

Até o século XIX, nem tínhamos essa mania da consciência histórica, do impulso de recolher e preservar tudo. Vivíamos comodamente com a perda cíclica – a cada geração – de tudo que era produzido, com raríssimas exceções.

Mas agora que nos tornamos bichos históricos e antropológicos, que assistimos a florestas serem dizimadas, mas gravamos conscientemente as canções de seus habitantes perdidos, que estamos prestes a ouvir a música de Enheduanna, o que faremos diante do embate entre merda e marfim? Qual o melhor destino para esse nosso tesouro simbólico excessivo?

Uma solução tão pragmática como o sistema é educar os jovens para a não-criatividade. Há programas formidáveis nessa direção, e os resultados têm sido fantásticos. Que se mande parar as atividades criativas, já! Elas não têm propósito nos dias atuais. Uma sociedade assim educada nem sentiria falta de nada disso.

Também é possível renomear o criativo, definindo-o como algo bastante inofensivo, que apenas afeta as franjas da realidade. Vale lembrar que uma das mais famosas frases do célebre Gore Vidal é justamente o reconhecimento de que “a merda tem integridade própria”. Não pode ser tão diferente do marfim. Ou seja, também pode ser cultura. Às vezes fraquejo e chego a pensar que Nelson Ned e Elvis Presley não são eruditos.

Mas permanece a questão: o que faremos com aqueles tipos que produzem freneticamente, cada um deles deixando centenas de obras para assombrar o nosso futuro, gente como Machaut, Palestrina, Vivaldi, Bach, Mozart, Schubert e Villa-Lobos? Ou então aqueles outros que produzem algumas poucas obras, porém tão densas que ameaçam atrair toda a atenção erudita para si mesmas. Qual o futuro da erudição? Qual o futuro da complexidade? Deveríamos remodelar o futuro para acomodá-las?